

Usuários e usos da internet: múltiplas dimensões, medidas e algumas evidências sobre o Brasil¹

Gilda Olinto (IBICT- Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia)

Resumo: Neste artigo focalizam-se inicialmente as múltiplas dimensões sociais que têm sido consideradas nos estudos sobre acesso à internet, conforme abordado em vários levantamentos internacionais. A seguir destaca-se a tendência, observada em alguns estudos, de focalizar múltiplos aspectos de uso da internet na vida diária, buscando novas medidas de uso, especialmente do seu uso efetivo, aquele capaz de contribuir para melhorar as oportunidades vida. As análises apresentadas sobre o Brasil mostram que o acesso à rede no país segue, como em outros contextos, um forte padrão social. O exame da relação entre tipos de acesso e uso e algumas características sociais dos sugerem que são poucos os brasileiros que têm condições de fazer um uso efetivo da rede, isto é, um uso com condições de contribuir para aumentar as suas chances de vida.

Palavras-chave: Internet. TIC. Informação uso. Usuários. Divisão digital.

Abstract: The social dimensions of Internet access is the first topic considered in the article. The importance of going beyond access, and focusing the various dimensions of Internet use is also considered here. These more complex approaches aim at identifying effects of the Internet use in individual's lives. Analyses carried out here about Brazil are based on the IBGE annual survey of 2005. Data presented show, in the first place, that Internet access in Brazil follows a strong social pattern. The exam of the relationship between some dimensions of Internet use and social characteristics of users also suggests that only a small portion of Brazilian are being able to make an effective use of the internet, that is, a type of use that can contribute to improve their live chances.

Keywords: Internet . ICT. Digital divide.

¹ Comunicação oral apresentada ao GT-5 - Política e economia da informação.

1 INTRODUÇÃO

O perfil dos usuários da internet e os diversos usos que estes fazem da rede são temas que têm atraído atenção tanto de cientistas sociais quanto de cientistas da informação. Ambos os grupos de analistas tendem a partir do pressuposto de que o acesso e uso da internet são recursos fundamentais para a participação na sociedade do conhecimento. Partem também de uma preocupação comum que é contribuir para a generalização do acesso à internet e da competência para o seu uso. Os cientistas sociais tendem, de modo geral, a focalizar a atenção nos aspectos sociais que estão correlacionados ou condicionam o acesso e o uso da internet, desvendando, assim, os vários matizes da divisão digital. Os profissionais da informação, por sua vez, tendem a dar ênfase na descrição dos comportamentos de busca de informação na rede, com vistas a identificar barreiras ao uso desta, ou a desenvolver mecanismos que garantam a generalização do seu uso para o grupo em que focaliza o seu interesse. Este grupo pode ser a comunidade como um todo, um segmento profissional, a biblioteca pública, um grupo desprivilegiado, etc. Entretanto, a convergência dos estudos parece tender a aumentar a partir das evidências destacando, cada vez mais, as fortes relações existentes entre condições sociais de acesso e uso da rede e as características deste acesso e uso. Os estudos convergem também a partir do crescente interesse dos cientistas sociais em estudar os diversos aspectos do comportamento ligado ao uso das tecnologias de informação (TICs).

Neste artigo focaliza-se, inicialmente, a questão das múltiplas dimensões sociais que têm mostrado relação com o acesso à internet considerando as questões, controvérsias e as evidências obtidas em estudos que focalizam o tema. A seguir destacam-se a importância de se desenvolver múltiplas dimensões e de se adotar múltiplas medidas de uso da rede. Também com base em análises anteriores, apontam-se algumas possibilidades que se abrem, assim como desafios que se colocam ao pesquisador. Apresentam-se, por fim, evidências sobre o Brasil.

Diante das constantes mudanças tecnológicas que caracterizam a internet, e diante dos mecanismos sociais que parecem contribuir para perpetuar as desigualdades digitais, os estudos que desvendam essas desigualdades persistentes de acesso e uso da internet, se transformam em tarefa sem trégua (SORJ; GUEDES, 2005). As evidências aqui apresentadas sobre o Brasil são baseadas nos dados do IBGE/PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) de 2005. Neste ano o IBGE (2005, 2007) incluiu, no seu levantamento anual – um levantamento representativo da população brasileira –, perguntas específicas sobre o uso da Internet entre pessoas com dez anos de idade ou mais. Este questionário foi aplicado a 408 mil pessoas e os dados obtidos contêm, além das informações sobre acesso e uso da internet, diversas informações sócio-demográficas da população brasileira.

2 QUEM TEM ACESSO À INTERNET? FOCALIZANDO AS DIMENSÕES SOCIAIS DO ACESSO

As análises feitas para detectar as diferenças de acesso à internet entre grupos sociais dentro de países, tanto desenvolvidos quanto em desenvolvimento, têm mostrado crescimento substancial do acesso a essa tecnologia, em alguns casos tendendo para o acesso generalizado. Mostram estas análises, também, que existem diferenças de acesso à rede que seguem diversos padrões sociais, como entre grupos de idade, educação, renda, gênero, etnia e localização geográfica. Embora ainda relevantes em diversos contextos, algumas diferenças de acesso inicialmente marcantes, como entre grupos etários, grupos de gênero parecem tender a desaparecer em alguns países. Outras diferenças, entretanto, especialmente renda, educação e etnia mostram-se persistentes ao longo do tempo.

A educação é a dimensão social que se destaca pelo efeito mais forte e continuado sobre o acesso à internet e às tecnologias de informação e comunicação (TICs) de um modo geral. Esta constatação coloca em destaque abordagens teóricas e estudos empíricos que têm apontado, desde a década de setenta, para a relação estreita que existe entre educação e acesso à informação e para o papel da informação na manutenção das desigualdades sociais, ou como uma estratégia fundamental na sua superação (BOURDIEU, 1987; GRANNOVETTER, 1974; ROBINSON; DiMAGGIO; HARGITTAI, 2003). Segundo DiMaggio e Cohen (2003, p.4), e já faz bastante tempo, “os cientistas sociais reconhecem que a informação desempenha um papel crucial no processo que gera desigualdade sociais”. Estes autores consideram que educação e informação podem ser até tomados como conceitos equivalentes.

Sobre o efeito das dimensões sociais que parecem condicionar o uso da internet, uma indagação que tem norteado algumas abordagens é se as desvantagens observadas entre grupos se constituem apenas num entrave temporal, tendendo a desaparecer ao longo do tempo, na medida em que a tecnologia em questão, progressivamente, se difunde. Assim como a televisão, que aos poucos foi ficando acessível a todas as camadas sociais, também a internet poderia estar passando por um processo de absorção crescente, até o ponto em que as características dos usuários seriam idênticas às características da população como um todo. Entretanto, análises recentes, tanto em países desenvolvidos quanto em países em desenvolvimento, sugerem que as vantagens dos grupos socialmente privilegiados no acesso à rede parecem se perpetuar ao longo do tempo. Isto tende a ocorrer devido às características específicas da internet, incluindo a sua multidimensionalidade e a sua complexidade.

Além da diferença de acesso à rede, com base em habilidades decorrentes da posse diferenciada de informação e cultura proporcionadas pela educação, a internet garante interações específicas de grupos, que vão propiciar vantagens sociais a alguns indivíduos não a outros. Os bens e serviços que se pode obter através do acesso à rede dependem das características dos grupos a que se tem acesso: é o capital social em ação potencializando-se através do uso da internet. Um exemplo deste capital social em ação seria o acesso a empregos vantajosos através de contatos, especialmente os “laços fracos”¹ das redes de conhecimentos que podem ser alcançados através da internet. acesso a pesquisadores específicos e seus resultados de pesquisa (DiMAGGIO; COHEN, 2003; MARTELETO, 2007).

Essas desigualdades de acesso e uso da internet seriam agravadas em países em desenvolvimento, pois nestes, além da menor taxa e maior lentidão na penetração da internet, coloca-se o problema da manutenção das relações centro-periferia entre as nações, além de restrições no acesso a conteúdos. A internet é ainda uma característica das nações desenvolvidas, onde quase 90% dos usuários estão localizados. A par disso, características culturais, como a barreira lingüística, são entraves sérios ao acesso à internet e aos seus benefícios. Segundo Chen e Wellman (2004), a divisão digital é considerada um reflexo de relações sociais e econômicas internacionais. Até entre cientistas que se situam em países periféricos observa-se um acesso e uso diferenciado a recursos da internet, mesmo os mais simples, como o E-mail, o que prejudica a troca de informação e a garantia de participação nos colégios invisíveis da ciência (THOMPSON, 2006).

As diferenças de gênero no acesso a internet têm sido consideradas um problema grave em alguns países, sobretudo entre aqueles em que a mulher tem menos acesso à educação formal, como é o caso, de muitos situados na Ásia e na África. Entretanto, em alguns países e regiões o acesso e uso diferenciado à internet entre homens e mulheres têm diminuído substancialmente. Em alguns países as mulheres chegam a sobre-passar os homens. Este é o caso de alguns países desenvolvidos, como os EUA e do Canadá, e também é o caso entre as gerações mais jovens em alguns países da América Latina, inclusive o Brasil. Apesar dessas informações positivas, análises recentes sugerem que não se pode considerar a paridade de gênero diante das TICs como uma decorrência necessária do desenvolvimento ou do acesso a

educação. Há diferenças substanciais entre homens e mulheres em alguns países desenvolvidos, e estudos recentes, apresentando outras abordagens tanto teóricas quanto empíricas, parecem recolocar o problema das diferenças de gênero: os padrões de uso da internet e as diferenças de comportamento de homens e mulheres diante das TICs sugerem a permanência de uma cultura marcada por gênero pode limitar as chances da mulher na sociedade do conhecimento (KENNEDY; WELMANN; KLEMENT, 2003; OCDE, 2007; OLINTO, 2008).

Diante dessas evidências, permanece relevante o monitoramento permanente das condições sociais da divisão digital, pois, conforme os argumentos dos autores acima considerados, esta diferença entre grupos sociais tende a permanecer, mesmo em países desenvolvidos, sendo que a situação é ainda mais grave nos países em desenvolvimento. A situação desfavorável destes últimos tem levado a advertências, como as de Chen e Wellman (2003, p.23), de que “pessoas, grupos sociais e nações no lado errado da divisão digital podem ficar excluídos da economia do conhecimento”.

Sobre a abordagem aos condicionantes sociais do acesso às TICs convém destacar que alguns autores, incluindo vários acima mencionados, não adotam uma postura particularmente determinística a esse respeito. Especialmente alguns trabalhos já clássicos, como os de Castells e Wellman, são inclusive bastante otimistas em algumas ponderações, e consideram que o acesso à rede também pode provocar mudanças positivas, promovendo o desenvolvimento individual e comunitário. A rede pode contribuir para aumento do capital social do indivíduo e facilitar acesso deste a uma diversidade maior de fontes de informações e recursos, tornando-o mais capaz e mais autônomo para tomar decisões que o beneficiam e que o tornam um cidadão mais competente. Além disso, estratégias individuais, familiares, institucionais e políticas públicas podem quebrar, e em alguns casos têm contribuído para isto, o círculo vicioso das desvantagens sociais que tendem a estar associadas ao acesso à rede. Exemplos positivos que podem ser mencionados são as iniciativas voltadas para o incremento do acesso e o uso da internet para a mobilização e o empoderamento de grupos em desvantagem (SASSEN, 2002, 2007; MEHRA et ali, 2002; BARZILAI-NAHON, 2006).

3 COMO E PARA QUÊ É USADA A INTERNET? FOCALIZANDO AS DIMENSÕES DE USO

A ênfase de diversos estudos empíricos e políticas públicas na questão do acesso à internet tem provocado reações por parte de estudiosos que passam a rejeitar a temática da divisão digital, considerando-a um desvio de foco. De fato, tanto os diversos aspectos sociais da divisão digital, apontados no item anterior, quanto as características intrínsecas da internet, que são multidimensionais e estão em constante mutação, sugerem que as análises não se detenham apenas no acesso à rede e enfatizem as diversas dimensões de seu uso.

Um argumento da crítica à temática da divisão digital é que o foco das atenções deveria estar direcionado para as desigualdades sociais básicas, como a educação, deixando implícito que a solução destes problemas traria como consequência natural as condições de uso e a habilidade de usar a internet. Outro motivo para rejeitar a temática da divisão digital baseia-se na suspeita de que as pesquisas sobre acesso seriam motivadas pelo interesse em conhecer o perfil dos mercados e das oportunidades de investimento nas tecnologias de informação por parte de empresários (MENO, 2001; WAJCMAN, 2002).

Entretanto, o foco no uso da internet por parte de muitos estudiosos advém, sobretudo, da preocupação com a internet como um recurso que pode propiciar retornos para o indivíduo ou para a comunidade (ou comunidades) de que este participa. Coloca-se, assim, em destaque o aspecto instrumental da internet; os usos da tecnologia que “dão voz” a indivíduos e comunidades. É o que Gurstein (2003) chamou de “uso efetivo”, significando “capacidade e oportunidade para conseguir fazer com que TICs contribuam para atingir objetivos individuais ou

de grupo”. Na mesma direção, mas com empenho específico em verificar se a internet contribui para a mobilidade social dos indivíduos, DiMaggio et alii (2003) destacam para a necessidade de se considerar os acessos e usos que “fazem sentido”, ou seja, os tipos de uso que contribuem para as chances de vidaⁱⁱ do indivíduo.

A motivação em analisar as diversas dimensões de uso da internet também decorre da linha de pesquisa em Ciência da Informação que se dedica ao estudo das necessidades e usos da informação para a vida diária. Trabalhos como os de Dervin (1998) e Savoleinen (1995, 1999), por exemplo, têm longa tradição no estudo do uso da informação por parte do cidadão comum, considerado um ingrediente básico dos processos democráticos. Esses autores buscam explicações para os comportamentos que levam à solução consistente dos problemas do dia a dia, baseados na busca de informação. As características do comportamento informacional, como a avaliação do problema de informação, a identificação das fontes de informação por parte do indivíduo, implicaria em competência em informação, esta por sua vez seria moldada pelo contexto sócio-cultural em que indivíduos e grupos se inserem, incluindo especificamente o seu capital social. Com relação ao uso das TICs, em particular da internet, os recursos e as habilidades de informação de que a pessoa dispõe, e que antecedem o uso da rede, seriam fundamentais para explicar os seus modos de uso, estes por sua vez estariam relacionados às perspectivas de sucesso solução de seus problemas de vida diária e do próprio desenvolvimento comunitário.

Os múltiplos usos da internet na vida diária também são objeto de análises como as de Wellman et alii (2002), assim como de outros estudos deste mesmo autor com outras parcerias. Partem esses estudos do princípio de que a rede já faz atualmente parte do dia a dia, sobretudo nas comunidades de países desenvolvidos, objeto principal das suas pesquisas. Indagam estes autores se aspectos específicos do uso da internet, como a frequência de uso, a participação em grupos de discussão, etc., teriam efeito – positivo ou negativo – no envolvimento real do indivíduo (fora do mundo digital) com amigos e com a comunidade. Em outras palavras, o tema é o sentimento de pertencimento à comunidade que poderia ser afetado pela própria internet. Dimensões de uso social – usos que maximizam o capital social – incluiriam, segundo os autores, diversos aspectos não facilmente observáveis, além de estarem em constante mutação. As análises apresentadas, que são consideradas por eles restritas, buscam a relação entre as características do envolvimento das pessoas com a internet e as características do seu envolvimento com relações pessoais, associações e atividades públicas. As evidências obtidas em pesquisa comparadaⁱⁱⁱ sugerem que usuários que dispõem de infraestrutura tecnológica avançada e de fácil acesso usam a internet com mais assiduidade, utilizam-na para obter apoio, e tendem a incrementar a sua sociabilidade com família e amigos, assim como o seu envolvimento comunitário. Também se envolvem mais frequentemente em relações de longa distância. A internet, entretanto, segundo as evidências recolhidas, não parece provocar mudanças radicais no comportamento e no sentimento dos indivíduos em relação aos seus laços sociais e comunitários: a internet não transforma, mas apenas complementa a comunidade.

Embora os estudos acima mencionados frequentemente tratem de vários objetivos de uso da internet, o lazer e a diversão, aspectos recorrentemente dimensionados e descritos em levantamentos, não têm sido ainda objeto de interesse sistemático por parte de pesquisas. Maior ênfase tem sido dada, como foi visto acima, no estudo do uso mais sério da internet: o seu “uso com sentido”, o seu “uso efetivo”, o seu “uso para solução de problemas da vida diária”, o seu “uso em atividades relacionadas à participação cívica” do indivíduo e a sua inserção comunitária. Entretanto, o exame da relação entre os múltiplos usos da internet e as características sócio-demográficas tem sugerido que, assim como se podem extrair informações relevantes sobre os condicionamentos sociais desses usos mais instrumentais, o mesmo parece ocorrer com o uso lúdico da tecnologia: diferenças dos perfis educacionais e de gênero no uso da internet para o lazer sugerem que este é um assunto sério a ser mais considerado em

pesquisas (ROBINSON; DiMAGGIO; HARGITAI, 2003). No Brasil, por exemplo, análises recentes mostram que os rapazes utilizam mais a internet em lugares públicos, para atividades lúdicas e mostram um uso mais autônomo e intenso da rede (CGI, 2006; CYSNE, 2007; OLINTO, 2008).

O interesse nas múltiplas dimensões do uso da internet e suas relações com a própria tecnologia também se verifica em teóricos que se dedicam à sociologia da tecnologia de informação, como Wajcman (2002) e Sassen (2002, 2007). Nestas abordagens tanto as próprias tecnologias como o seu uso são vistos como imbricados em complexo contexto sócio-cultural e político. Esse meio social molda tanto as tecnologias, as quais respondem ao meio em que estas se desenvolvem, quanto os diversos tipos de uso e usuários. A respeito do espaço digital e seus usos, Sassen (2007, p.45) afirma: “As culturas mediadoras através das quais o uso se constitui surgem em parte dos valores, culturas, sistemas de poder e ordens institucionais nas quais os usuários se encontram imbricados”. Neste contexto, como a internet é usada, isto é, os diversos matizes do uso das tecnologias de informação, e como se configuram as próprias tecnologias, que estarão carregando em si mesmas o peso dos fatores sociais que os condicionam, tornam-se valorizados objetos de estudo. A mesma atenção aos processos sociais que acompanham e moldam a introdução, o desenvolvimento, o aprendizado e o uso de computadores e das TICs em geral tem sido dada pela área de estudos denominada de informática social (HAYTHORNTHWAITE, 2006; KLING, 2007).

4 COMO CLASSIFICAR, MEDIR E ANALISAR O USO DA INTERNET? AS MULTIPLAS POSSIBILIDADES

A mensuração do acesso à internet é um tópico que em si mesmo pode gerar controvérsias, sendo que as opções adotadas têm trazido problemas de comparabilidade, até entre nações desenvolvidas como o Canadá e os EUA. Quem responde sobre o acesso à rede – a partir de que idade –, quando e em que circunstâncias ele ocorre – a delimitação do período de acesso e onde ele ocorreu-, são questões que se colocam para os levantamentos.

O problema fica mais complexo quando se passa a focalizar as diversas dimensões de uso da internet, especialmente levando-se em consideração as mencionadas imbricações sócio-culturais envolvidas no tema. Acresce-se a esses problemas, a preocupação dos analistas de estarem sempre atentos às mudanças e à imprevisibilidade que acompanham a tecnologia. Não é fácil capturar as propriedades da internet e como ela afeta aspectos como o capital social do indivíduo. Desta forma, e permanentemente, “os pesquisadores necessitam desenvolver novas formas de medida para complementar as já existentes” (QUAN-HAASE; WELLMAN, 2002, p.9).

Pode-se considerar o uso da internet um tópico em aberto, sendo que as classificações e tentativas de mensuração de usos da internet que são desenvolvidas em levantamentos e análises empíricas tendem a se diversificar, refletindo sempre os enfoques teóricos dos analistas. Além do simples acesso, consideram-se as a qualidade e disponibilidade do equipamento e a competência tecnológica do usuário. A conexão rápida, como à banda larga, assim como a facilidade de acessar a internet em diversos ambientes – casa e trabalho- e a habilidade de utilizá-la seriam indicadores destas pré-condições de uso ou condições que facilitam o uso efetivo da rede.

O interesse pela integração social do indivíduo, no seu capital social, a sua postura cívica e a sua contribuição para o desenvolvimento da comunidade (ou comunidades de que participa) são assuntos que levam os analistas a destacar determinados tipos de finalidades de uso. Seriam então enfatizadas aquelas finalidades voltadas para a comunicação social e que podem expressar ou afetar a integração social do indivíduo: o uso do E-mail para contato com família e amigos, assim como a participação do indivíduo em grupos de discussão, etc. Rela-

cionado a estes tipos de uso estão os usos da internet para assuntos cívicos, como o hábito de comunicar-se com organizações e grupos de discussão sobre assuntos de interesse coletivo também são considerados nos estudos.

As abordagens que lidam com a informação como um recurso básico para a garantia das chances de vida, assim como aquelas que destacam o uso da internet para a solução de problemas da vida diária, têm enfatizado estudo do uso da internet para atividades educacionais, para acesso a diversos tipos de serviços e a busca de informações úteis, formando um conjunto de indicadores de uso instrumental da rede.

As possibilidades de mensuração e análise se multiplicam na medida em que os enfoques sobre o uso da rede se desdobram. Cada um dos tipos de uso acima mencionados pode ser detectado através de diferentes indicadores, como por exemplos o nome dos sites visitados, o tipo de objetivo buscado na rede, etc. Além disso, cada um desses tipos de uso pode apresentar diferentes relações entre si e com as dimensões sociais anteriormente consideradas. Em outras palavras, à medida que se focalizam as diversas dimensões de uso, também se abre a oportunidade para o estudo de como essas dimensões se relacionam, tanto entre si quanto com os fatores sociais que as condicionam.

Além da diversificação dos tipos de uso é importante levar em consideração o contexto em que esses usos estão sendo observados. Nos países em desenvolvimento aspectos como locais públicos de uso – em função da baixa disponibilidade de equipamentos na grande maioria das residências –, o pouco acesso a conteúdos de língua inglesa e a baixa produção de conteúdos locais significativos para os usuários podem ser questões especialmente relevantes a serem destacadas em levantamentos abrangentes, tanto em função das análises dentro de regiões ou países quanto em comparações internacionais.

Outro aspecto a ser destacado diz respeito aos modelos que orientam as análises de dados sobre os usos da internet. Como visto nas abordagens apresentadas, os estudos podem focalizar os efeitos das condições sociais sobre o uso da rede e também sobre o caminho inverso – o efeito da rede sobre as condições sociais. Além de ser difícil identificar direção de causalidade, conforme já mencionado, algumas abordagens sugerem que os usos da rede, assim como das demais tecnologias, podem estar de tal maneira atrelados ao contexto social, cultural e político em que se inserem, que não seria fácil identificar o quanto esses contextos determinam a tecnologia e o quanto esta provoca mudanças sociais. Ou seja, efeitos positivos ou negativos que muitas vezes orientam as análises de dados em pesquisas sociais, não são facilmente identificados em pesquisas sobre internet devido à sua complexa relação com os outros fatores sociais (QUAN-HAASE; WELLMAN, 2002).

5 USUÁRIOS E USOS DA INTERNET NO BRASIL: ALGUMAS EVIDÊNCIAS

Conforme mencionado anteriormente, a PNAD/IBGE, em 2005 incluiu uma bateria de questões sobre acesso e uso da internet no Brasil. Desta forma, a partir de uma grande amostra representativa da população brasileira, pode-se analisar como o uso da rede se configura e como este se relaciona a características sociais dos indivíduos entrevistados.

Considera-se inicialmente o simples acesso à internet, a medida mais divulgada e obtida através de uma questão que indica se o indivíduo teve algum acesso à rede em algum local nos três meses que antecederam a pesquisa do IBGE^{iv}. Esta tênue medida de acesso, aplicada aos brasileiros a partir de 10 anos de idade, mostrou que apenas 21% da população tiveram acesso à rede em 2005. Este número pode ser considerado muito baixo. Embora indique que um pouco mais de 32 milhões tiveram acesso à internet, também indica que 120,6 milhões de brasileiros estavam então totalmente fora deste ambiente digital (IBGE/PNAD, 2006). O resultado é também medíocre se comparado aos obtidos pelos países mais desenvolvidos que já no início da década alcançava em torno de 60% da população (CHEN; WELLMAN, 2003).

As análises que buscam as dimensões sociais da divisão digital no país revelam também intensas diferenças baseadas nas características sócio-demográficas geralmente incluídas nas análises: renda, educação, raça, idade e localização geográfica. Focalizando anos de estudo verifica-se que o acesso maciço à internet só ocorre entre pessoas com mais de 15 anos de estudo, segmento que mostra em torno de 76% de acesso, em contraste com aqueles que apresentam menos anos de educação: entre os quase 48 milhões de brasileiros que têm entre 4 e 7 anos de educação, menos de 10% tiveram este acesso básico à internet.

As diferenças encontradas entre os principais grupos étnicos também são marcantes: a percentagem de acesso dos brasileiros que se classificam como brancos é quase o dobro daquela referente aos que se consideram afro-brasileiros (negros e pardos): mais de 28% para os primeiros e 15% para os últimos. Convém destacar que os dois grupos étnicos aqui considerados abarcam números absolutos de pessoas bastante aproximados e quase a totalidade da população brasileira com mais de 10 anos: 77 milhões de “brancos” e quase 75 milhões de afro-brasileiros. As diferenças de acesso à internet entre as regiões e estados do país também se mostra pronunciada: enquanto no Paraná 35% tiveram acesso, apenas 8% dos alagoanos tiveram esta oportunidade.

Não se observam no país acentuadas diferenças de gênero no acesso à internet: a diferença percentual entre homens e mulheres é de apenas 2,5% favorecendo os homens. E entre os mais jovens o acesso das meninas é até ligeiramente superior ao dos meninos.

Em síntese, o exame do acesso à internet no Brasil mostra, de modo geral, uma marca da divisão digital socialmente determinada: os que têm acesso à internet também têm mais acesso à educação, tendem a ser brancos e morar nos estados mais desenvolvidos (IBGE/PNAD, 2007; CYSNE, 2007; OLINTO, 2007).

As dimensões de uso incluídas na PNAD/IBGE podem ser consideradas indicadores de aspectos abordados nos estudos internacionais anteriormente mencionados. Algumas variáveis podem ser classificadas como “facilidade de acesso e uso”, abarcando o aspecto tecnológico (disponibilidade de banda larga) e o aspecto de acessibilidade (disponibilidade em casa e no trabalho). Quanto ao uso propriamente dito, além da frequência mensuraram-se vários tipos de finalidades. Dentre estas, algumas podem ser consideradas como indicando a posse de “capital social” (o uso para comunicação), e outras como indicando a posse de “capital informacional” (o uso para educação e leitura de jornal). O acesso a órgãos públicos que pode ser tomado como um indicador de capacidade de exercício da cidadania.

Para o conjunto dos brasileiros é muito reduzido o percentual de pessoas que, em 2005, estavam envolvidas nas dimensões de uso acima descritas. O uso diário envolvia menos de 8% ou pouco mais de 11 milhões de brasileiros, sendo o uso para comunicação e para educação as finalidades de uso que exibem o maior percentual: aproximadamente 16%. O acesso a órgãos públicos abarcou apenas em torno de 6% dos brasileiros.

No que concerne aos tipos de acesso e finalidades de uso da internet, a comparação entre estudantes e não-estudantes contém boas notícias. Os estudantes, a nova geração de brasileiros, apresentam resultados bem mais favoráveis, a começar pelo simples acesso (41% para estes, enquanto o acesso da população em geral era de 21%). Da mesma forma, em quase todas as dimensões de uso focalizadas os estudantes apresentam valores que correspondem aproximadamente ao dobro, ou mais que o dobro, da população de não-estudantes. Entretanto, ambos os grupos – estudantes e população em geral – só apresentam valores expressivos quando chegam ao nível superior^v: aproximadamente 50% dos brasileiros que estão nesta faixa educacional acessam em casa, na escola ou no trabalho e lêem jornal na internet. As condições favoráveis de uso, como acesso em casa e no trabalho e o uso da internet para leitura de jornal, um dos aspectos da capacidade informacional, atingem apenas 12 a 16% dos brasileiros que possuem ou estão no nível médio de ensino. O que dizer, então dos brasileiros que têm apenas educação básica? Entre os não-estudantes, não chegam a 2% aqueles envolvidos

em qualquer um dos usos aqui analisados. O efeito da pós-graduação é marcante em quase todas as dimensões de uso.

De modo geral, portanto, as diversas dimensões de uso destacadas mostram-se fortemente relacionadas à educação e revelam que o nível superior é o que parece abrir portas ao uso diferenciado e mais instrumental da internet.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tópico “usuários e usos da internet” atrai atualmente a atenção de cientistas sociais e cientistas da informação, os quais têm levantado diversas questões sobre o tema, assim como aberto um leque grande de opções para os estudos empíricos. Inúmeras possibilidades de abordagem aos conceitos de acesso e uso da rede são colocadas aos analistas, possibilidades estas que tendem a refletir as suas orientações teóricas.

Indagações relativas ao impacto do contexto social sobre o acesso e uso da internet, e num caminho de volta sobre o impacto da internet sobre as condições de vida dos indivíduos, orientam diversos tipos de análises empíricas. Diversos aspectos da divisão digital têm sido revelados por esses estudos: os indivíduos com acesso à internet e que fazem um uso diversificado da rede apresentam um perfil social privilegiado, o que ocorre mesmo em países desenvolvidos. Entretanto, nos países em desenvolvimento, além das dimensões sociais das desigualdades, destacam-se os problemas relativos à sua posição periférica no mundo globalizado, ao acesso restrito à língua franca da internet, o inglês, e às dificuldades de acesso e produção de conteúdos moldados às suas necessidades específicas e às suas características culturais.

As evidências apresentadas sobre o Brasil com dados da PNAD-2005 mostram que as perspectivas de acesso e uso da internet para usos que façam sentido e que contribuam para aumentar as suas chances de vida do indivíduo, assim como para o desenvolvimento comunitário, são ainda muito reduzidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARZILAI-NAHON, K. Gaps and Bits: conceptualizing measurements for digital divide/s. *The Information Society*, v.22, n.5, p. 269-278, 2006. Disponível em: <http://projects.ischool.washington.edu/karineb/html/pub/DDI.pdf>

BOURDIEU, P. What makes a social class? On the theoretical and practical existence of groups. *Berkeley Journal of Sociology*, v.32, p. 1- 49, 1987.

CASTELLS, M. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os Negócios e a Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL (CGI). Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil - 2005. Disponível em: <http://www.nic.br/indicadores/indicadores.pdf>

CHEN, W; WELLMAN, B. The global Digital Divide - within and between countries. *IT & Society*, v.1, n.7, 2004. Disponível em: <http://.ITandSociety.org>

CHEN, W; WELLMAN, B. Charting digital divides: comparing socioeconomic, gender, life stage, and rural-urban Internet access and use in eight countries. In: DUTTON, W. et alii (Eds.) *Transforming Enterprise*. Cambridge: MIT, 2004.

CYSNE, R. *Exclusão digital: desafios para a consolidação democrática*. Rio de Janeiro, 2007. Dissertação (mestrado em Ciências Estatísticas) IBGE, ENCE, 2007.

DERVIN, B. Sense-making theory and practice: an overview of user interests in knowledge seeking and use. *Journal of Knowledge Management*, v.2, n.2, p.36-46, 1998.

DiMAGGIO, M.; COHEN, J. A Information inequality and network externalities: a comparative study of the diffusion of television and the Internet. In: NEE, V.; SWEDBERG, R. (Eds.). *The economic sociology of capitalism*. Princeton: Princeton University Press, 2003.

DIMAGGIO, P. et alii. From unequal access to differentiated use: a literature review and agenda for search on digital inequality. In: Neckerman, K. (Ed.) *Social Inequality*. New York: Russell Sage, 2004.

GRANOVETTER, M. *Getting a job; a study of contacts and careers*. Cambridge: Harvard University Press, 1974.

GURSTEIN, M. Effective use: a community informatics strategy beyond the Digital divide. *First Monday*, v.8, n.12, 2003 Disponível em:
http://www.firstmonday.org/issues/issue8_12/gurstein/

HAYTHORNTHWAITE, C. The social informatics of e-learning. Graduate School of Library and Information Science, University of Illinois at Urbana-Campaign, 2006. Disponível em:
http://people.lis.uiuc.edu/~haythorn/Publications/Talks/Hay_SI&Elearning06.html

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD): Acesso à Internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. Disponível em:
<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/acessoainternet/internet.pdf>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD): Síntese dos indicadores: 2005. Disponível em:
<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhorendimento/pand2005/sintesepnad2005.pdf>

KATZ, J.E.; RICE, R.E. *Social consequences of Internet use: Access, involvement and interaction*. Cambridge MA: MIT Press, 2002.

KENNEDY, T.; WELLMAN, R.; KLEMENT, K. Gendering the digital divide. *IT&Society*, v.1, n.5, p.72-96. Disponível em: <http://www.ItandSociety.org>

KLING, R. What is social informatics and why does it matter? *The Information Society*, v.23, n.4, p. 205 – 220, 2007.

MARTELETO, R. M. Teoria e metodologia de redes sociais nos estudos da informação: cruzamentos interdisciplinares. *Informação e Informação*, v.12, p.1-5, 2007.

MEHRA, A. B., BISHOP, A., BAZZELL, I., & SMITH, C. Scenarios in the Afya Project as a Participatory Action Research (PAR) Tool for studying information seeking and use across the digital divide. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, v.53, n. 14, p. 1259-1266, 2002.

MENOU, M.J.(2001). Digital and social equity? Opportunities and threats on the road to empowerment. In: LIDA 2001 Annual Course and Conference. Disponível em: <http://www.capurro.de/augsburg2-papers.htm#menou>

ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT (OCDE). *ICT and gender*. Paris: OECD, 2007. Disponível em: <http://www.oecd.org/dataoecd/16/33/38332121.pdf>

OLINTO, G. Gender differences in Internet use by Brazilian students: judicious girls and playful boys. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON CULTURAL ATTITUDES TOWARDS TECHNOLOGY AND COMMUNICATION, 6., 2008, Nîmes. *Proceedings ...*. Murdoch: Murdoch University. School of Information Technology, 2008. p. 106-116.

OLINTO, G. (2007). Internet access in Brazil: social context and science and technology professionals. In: The American Society for Information Science and Technology Annual Meeting, 2007, Milwaukee. *Proceedings...* Silver Springs: ASIST, 2007.

OLINTO, G. (2007). Desigualdades de acesso a Internet no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 13, 2007, Recife. *Anais...* Recife: UFPE, 2007.

OLINTO, G. Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu. *Informare*, v.1, n.2, 24-36, 1995.

QUAN-HAASE, A.; WELLMAN, B. *How does the Internet affect social capital*. University of Toronto, 2002. Disponível em:

http://www.chass.utoronto.ca/~wellman/publications/internetsocialcapital/Net_SC-09.PDF

ROBINSON, J; DiMAGGIO,P; HARGITTAI, E. New social survey perspectives on the digital divide. *IT & Society*, v.1, n.5, 2003, p.1-22. Disponível em: <http://www.ITandSociety.org>

SASSEN, S. Towards a Sociology of Information Technology. In: *Current Sociology*, Volume v. 50, n.3, p. 365-388, 2002.

SASSEN, S. A. A construção do objeto de estudo digitalizado. In: MACIEL, L.M; ALBAGLI, S. *Informação e desenvolvimento*. Brasília: UNESCO/IBICT, 2007.

SORJ, B; GUEDES, L.E. Exclusão digital: problemas conceituais, evidências empíricas e políticas públicas. 2005. Disponível em:

http://www.bernardosorj.com/pdf/exclusaodigital_problemasconceituais.PDF

SAVOLAINEN, R. The role of the Internet in information seeking. putting the networked services in context. *Information Processing and Management*, v. 35, p. 765-782, 1999.

SAVOLAINEN, R. Everyday life information seeking: approaching information seeking in the contexto of 'way of life'. *Library and Information Science Review*, v.17, p.259-294, 1995.

THOMPSON, E.C. Internet-Mediated Networking and Academic Dependency in Indonesia, Malaysia, Singapore and the United States. *Current Sociology*, v.54, n.1, p. 41-61, 2006.

WAJCMAN, J. Addressing technological change: the challenge to social Theory, In: *Current Sociology*, v.50, n.3, p.347-363, 2002.

WELLMAN, B; QUAN-HAASE, A.; BOASE, J; CHEN, W. Examining the Internet in everyday life. Toronto: Center for Urban and Community studies, University of Toronto, 2002. Disponível em:

<http://www.chass.toronto.edu/~wellman/publications/euricom/Examining-Euricom.htm>

ⁱ “laços fracos” é um conceito criado por Grannovetter para se referir aos contatos mais remotos, que não fazem parte das interações mais freqüentes e mais próximas (os laços fortes) mas que fazem parte da rede social dos indivíduos. Os laços fracos são valorizados pelo fato de que são eles que vão eventualmente possuir uma informação valiosa em situações específicas, como por exemplo na busca de emprego. Daí a expressão por ele utilizada e frequentemente citada: “a força dos laços fracos”.

ⁱⁱ Changes de vida é um conceito desenvolvido por Dahrendorf e se refere a “possibilidades mensuráveis de satisfazer necessidades, desejos e interesses em determinado contexto social (às vezes contra este contexto)” (DAHRENDORF, 1979).

ⁱⁱⁱ O projeto envolveu levantamentos no Canadá, América do Norte e a Catalunia.

^{iv} A pergunta utilizada pela PNAD/IBGE foi: “Nos últimos meses você utilizou a internet em algum local (domicílio, escola, centro de acesso gratuito ou pago, domicílio de outras pessoas ou qualquer outro local)?”

^vPara os não estudantes “nível superior” indica a finalização deste grau de ensino., já para os estudantes significa estar matriculado neste grau de ensino.

AGRADECIMENTO

Agradeço ao CNPq o apoio ao projeto de pesquisa “Uso da Internet e condicionantes sociais”